

CIBERATIVISMO NO FACEBOOK: SILENCIAMENTOS E O DISCURSO SOBRE VERÔNICA BOLINA

André Cavalcante¹

SUJEITOS NÃO-LOGICAMENTE ESTABILIZADOS

Início este trabalho parafraseando Pêcheux (2002 [1982]), quando refletiu sobre a relação entre discursos (não) logicamente estabilizados. Assim, situamos nossa questão de pesquisa relacionando-a com as diversas discursividades, pouco ou não estabilizadas logicamente que encontramos no dia a dia, em arquivos da atualidade. Sujeitos e sentidos escapam à univocidade. O que há, então, é movência dos sentidos, dos sujeitos, das identidades de gêneros e dos arquivos, principalmente quando essas discursividades estão inscritas no espaço virtual. Uma vez que, em Análise do Discurso (AD), os sentidos e os sujeitos se constituem mutuamente, se os sentidos são múltiplos, heterogêneos, os sujeitos também o são. Assim, não fazem parte de universos logicamente estabilizados, o que pode ser conflituoso para alguns casos em que os sujeitos enunciam de Formações Discursivas onde os discursos tendem estar (ou são vistos como) mais ligados ao outro tipo de universo discursivo.

No virtual, encontram-se diferentes sujeitos, sentidos e materialidades discursivas que não escampam à realidade. Retomando Lévy, que afirma que há uma “oposição fácil e enganosa entre real e virtual.” (1996, p. 15), Grigoletto (2011, p. 47) diz que, no espaço virtual, “o empírico e o discursivo se entrelaçam” (...) “tais espaços, no entanto, não são opostos, não se constituem, necessariamente, em tempos-espaço diferentes, mas simultaneamente, já que o empírico produz efeitos sobre o discursivo e vice-versa” (*op. cit.* p.50). Dessa forma, as discursividades que estão na rede não são novos discursos, pois apresentam marcas do espaço empírico. Observamos essas características quando nos debruçamos sobre um

¹ Mestrando pelo PPGL-UFPE e integrante do Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (NEPLEV- UFPE). Contato: acbs.cavalcante@gmail.com

determinado arquivo, o caso polêmico de Verônica Bolina, que foi noticiado no começo desse ano e tomou uma dimensão gigantesca nas redes sociais, sobretudo no *Facebook*.

Tomamos, neste trabalho, a noção de arquivo como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” e, como analistas, devemos refletir que “os conflitos explícitos remetem em surdina clivagens subterrâneas entre maneiras diferentes, ou mesmo contraditórias, de *ler o arquivo*.” (PÊCHEUX, 2010 p. 52). Dessa maneira, a partir das diferentes formas de leitura de arquivo, pretendemos ler criticamente os discursos sobre Verônica Bolina, mulher trans que se envolveu em uma briga com uma senhora de 73 anos, sendo posteriormente presa, acusada de agredi-la. Quando foi presa, envolveu-se novamente em outra discussão, arrancando, com uma mordida, a orelha do carcereiro. Após essa agressão, apareceu completamente irreconhecível, com o rosto desfigurado, com os seios expostos. A partir disso, circularam diversas notícias na mídia sobre o caso, além de fotos de ambos os sujeitos envolvidos nessas notícias.

Ao observar esses ativismos virtuais, identificamos regularidades discursivas, como espaços para produzir sentidos outros, se constituir como autor, reproduzir, sem perceber, o mesmo (paráfrases) ou deslocar sentidos (polissemia). Assim, nas publicações, em redes sociais, os sujeitos comentam e respondem os comentários e, grande parte das vezes, perde-se o foco daquilo que os sujeitos, pelas ilusões subjetivas, pretendiam discursivizar. Com isso, muitos sentidos são silenciados e lutas são/tentam ser desautorizadas, pois os sujeitos que enunciam de formações discursivas diferentes, relacionados com outras condições de produção, entram em embate na discursivização. A partir de então, surgem as resistências e os silenciamentos.

SILENCIAMENTOS E RESISTÊNCIA NA PRODUÇÃO DE DISCURSOS NO ESPAÇO VIRTUAL

Há, no espaço virtual, a possibilidade de produzir sentidos outros, resistindo aos sentidos dominantes, à subordinação ao Estado. Discursivamente, a resistência é vista, conforme Pêcheux, como

não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases, tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras... (PÊCHEUX, 1982 [1990], p. 17)

A resistência, então, só ocorre através da falha do ritual da interpelação ideológica (Cf. PÊCHEUX, 2009 [1975]) e ela acontece na/pela língua, possibilitando, “ao se dizer outras palavras no lugar daquelas prováveis ou previsíveis, deslocar sentidos já esperados. É ressignificar processos interpretativos já existentes, seja dizendo uma palavra por outra, seja incorporando o *non sens*, ou simplesmente dizendo nada. (MARIANI, 1996, p. 24)” Portanto, há, na polissemia, ao deslocar sentidos, a possibilidade de resistir aos sentidos dominantes, porém, ao não se dizer nada, silenciar, é também possível assumir uma posição de resistência.

Há diferentes formas de estar no silêncio, produzir silêncio ou ser silenciado e estar significando. Trata-se das formas do silêncio propostas por Orlandi (2007)

a) o silêncio fundador, aquele que existe nas palavras, que significa o não dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar; e b) a política do silêncio, que subdivide-se em: a) silêncio constitutivo, o que nos indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as “outras” palavras); e b) o silêncio local, que se refere à censura propriamente (àquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura). (ORLANDI, 2007, p. 24)

Pela ilusão de domínio sobre os sentidos², alguns sujeitos, quando discursivizam sobre um tema, por estarem identificados com os saberes de uma outra FD, tentam silenciar/desautorizar esses discursos com os quais eles não estão identificados.

Ao se deslocar discursos do empírico para o virtual, ocorre transferência de sentidos e não apenas transporte, pois “como não se pode transportar os sentidos” de uma ordem para outra, há a transferência “metaforização, historicização dos sentidos” (ORLANDI, 2004, p. 137). Orlandi fala sobre essas transferências do discurso da ciência para o discurso de divulgação científica, mas observamos que

² Aqui retomamos o Esquecimento número 2, que, conforme Pêcheux, em *Semântica e Discurso*, refere-se à ilusão que o sujeito discursivo tem de ter controle sobre o seu dizer.

esse mesmo efeito metafórico pode ocorrer em outros discursos, sobretudo na internet. Assim,

Na transferência de sentido trabalha-se pois com o efeito metafórico, ou seja, há uma historicização do sentido de tal maneira que ela vai se ressignificar em outro lugar, produzindo efeitos que trazem os sentidos que estão sendo produzidos para uma outra discursividade. [...]Quer dizer, há transferência quando você significa dentro de uma história e isso produz efeitos que permitem você elaborar a memória. [...]Ora, na transferência há um trabalho histórico que é muito importante, em termos dos sentidos que estão sendo produzidos e ao mesmo tempo deslocados, re-significados. [...]Então, alguma coisa que significava de um modo, desliza para produzir outros efeitos de sentidos, diferentes. Nesta perspectiva, não há equivalência entre o que é dito numa ordem do discurso, e o que é interpretado na outra. Há deslizamento, efeitos de (re)significação. Quando isso não é bem feito resulta em que há apenas o transporte de sentidos de um discurso para outro, havendo perda, que resulta numa caricatura, num processo de informação científica de baixa qualidade. (*op. cit.* p.138)

Entre os processos de transporte e transferência, o que está em jogo é a movência dos sentidos. No primeiro, os sentidos, ao mudarem de espaço, significam diferentemente, deslizando, produzindo uma outra historicidade. No segundo caso, reproduz-se o mesmo, ou seja, não há espaço para outras interpretações.

Ao observar esses movimentos dos sentidos no espaço virtual, mesmo que os discursos migrem do espaço empírico para o virtual, isso não quer dizer que houve um acontecimento discursivo, ou que, por si só, já houve transferência de sentido; pode ocorrer apenas o transporte, já que esses processos estão intrinsecamente relacionados com a relação das discursividades em novas condições de produção. Portanto, esses dois processos dependem da relação dos sujeitos com os sentidos. Assim, por em silêncio, produzir silêncio, desautorizar outros sentidos, resistir, apagar arquivos, são também muitos dos movimentos dos sujeitos no mundo digital.

Observo que, no ciberativismo, as reivindicações sociais discursivizadas através das redes sociais, as lutas de classes ainda estão presentes, porém de uma forma diferente. Nelas, os sujeitos lutam por um espaço de fala, para se constituírem sujeitos, produzir sentidos antes interditados ou ainda interditados em outros lugares. Ao analisar o ciberativismo feminista na rede, Garcia e Sousa dizem que

A rede é um espaço heterogêneo, sustentado por relações de poder, que permite ao sujeito do século XXI ler temas que o afetam, dizer fatos que o incomodam, viver a possibilidade de uma sociedade menos sexista, violenta. O ciberespaço permite a militância, permite a discussão de temas

que afetam o funcionamento do espaço urbano. Na rede, confrontos surgem na tentativa de fundar outros discursos à sociedade, outras formas de socialização em que não só o sujeito homem-heterossexual tenha voz, mas em que todos os sujeitos mulher, homossexual, bissexual, transexual possam dizer e não serem ditos por uma sociedade baseada em uma violência patriarcal de gênero que também circula na rede. (GARCIA; SOUSA, 2014, p. 87)

Como observado pelas autoras, o ciberativismo possibilita um espaço em que os sujeitos podem produzir discursos interditados em outros espaços, assumir uma posição de resistência em relação a temas que envolvem diversas identidades (in)visíveis, sujeitos marginalizados, produzir sentidos inesperados sobre gênero, sexualidade, entre outros temas. Assim, partindo dessas breves teorizações, prosseguiremos à análise de discursos sobre o caso de Verônica Bolina.

CORPO, IDENTIDADE E SENTIDOS: ANÁLISES DE DISCURSIVIDADES SOBRE UMA MULHER (TRANS)

Procurando refletir sobre tipos de discursos em que os sujeitos se põe em lugar de resistência, tematizando o sujeito moderno, as possibilidades de dizer sentidos antes calados e assumir identidades (in)visíveis, analiso alguns discursos sobre a mulher trans³ em nossa sociedade, questionando quais os sentidos nos *discursos sobre Verônica Bolina*? Quando falamos em *discursos sobre*, estamos pensando de acordo com Mariani. Esses

são discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória. Os *discursos sobre* são discursos intermediários, pois ao falarem de um discurso de (discurso-origem), situam-se entre este e o interlocutor, qualquer que seja. (MARIANI, 1996, p. 64)

Essa modalidade de discurso tenta fundar uma nova memória discursiva, cristalizando sentidos que quase sempre são institucionalizados. A mídia, como analisou a autora, tem grande influência nessa homogeneização de sentidos. É o

³ A presença ausência marcada pelo adjetivo “trans” revela que, mesmo que a transexual já tenha vivenciado desde sempre a experiência psíquica de ser mulher, seu corpo foi outro, ou seja, ela não é apenas uma mulher, é mulher transexual, sendo, portanto, sempre referida discursivamente com esse adjetivo.

que veremos nos discursos que foram publicados no *facebook* acerca de Verônica Bolina.



SD1⁴

A partir dessa imagem, apresento a página “Somos Todas verônica”, com cerca de 19 mil curtidores. No gesto de curtir páginas do *facebook*, há uma relação de identificação com os discursos produzidos naquela página ou compartilhadas por ela, sendo estes “Por verônica e pelas solidariedades trans”. Dessa maneira, pressupõe-se que os usuários do *facebook* que curtiram tal página conhecem o ocorrido com Verônica Bolina e se preocupam com a causa LGBT.

Outra materialidade significativa relevante nessa SD é a *hashtag* #SomosTodasVerônica, que está inscrita nas publicações da página, produzindo sentido de inclusão à luta LGBT. Essas “fórmulas” discursivas são bastante comuns nos ciberativismos. Nesse enunciado, é usado o feminino “todas”, que, mais uma vez, ratifica os sentidos sobre a inclusão e filiação, luta e solidariedade pela transexual citada. Assim, independente da identidade de gênero, os sujeitos estavam identificados com a luta político social a favor desses sujeitos marginalizados.

Nesses discursos militantes, observamos a regularidade de caricaturas de Verônica, assim como fotos de seu corpo. Na foto do perfil da página, encontra-se uma dessas materialidades imagéticas, representando Verônica antes e depois da

⁴ Imagem retirada da página <https://www.facebook.com/somostodasveronica?fref=ts> em 12/07/15.

violência ao seu corpo, produzindo sentidos relativos ao ser mulher e ao corpo de mulher, ora agredido: presença-ausência numa mesma materialidade.

O corpo da mulher trans, do carcereiro, serão discursivizados em outras sequências discursivas, sendo eles “o lugar material em que acontece a significação” (ORLANDI, 2004, p. 121). Dessa maneira, “os homens, sendo seres simbólicos e históricos, os textualizam pela maneira mesma como nele se deslocam, se inscrevem, investidos de sentidos. Corpos com suas materialidades significantes.” (*op. cit.* p.123). Em conformidade com a autora, percebemos que o corpo é uma materialidade significativa e que por si só já produz sentidos, pois é necessário ao ser humano um corpo e tendo-o é que se alcança o simbólico, produz-se linguagem e sentidos.

Na leitura do *arquivo*, encontramos alguns dizeres que foram apagados, porém não cessaram de produzir sentidos, pois muitos internautas respondiam a esses dizeres antes do administrador apagá-los. Tal ação pode ser vista como “o de um policiamento dos enunciados, de uma normalização asséptica da leitura e do pensamento, e de um apagamento seletivo da memória histórica”, visando “à apreensão de um sentido unívoco” (PÊCHEUX, 2010, p. 55). Mesmo que alguns dizeres tenham sido silenciados/apagados nessa página, por não poderem/deverem ser ditos numa determinada conjuntura, eles ainda ressoam; sob a forma de ausência significativa, produzem sentido, estando inscritos em uma FD conservadora. Porém, esses outros sujeitos, identificados com esta FD de dizeres conservadores que tentavam discursivizar na página sobre Veronica, também resistiam àqueles discursos a favor de Verônica, por ora dominantes, na tentativa de deslegitimar a luta trans, uma vez que a “resistência é a luta do sujeito por um lugar de poder/dizer” (LAGAZZI, 1998, p. 16). Dessa maneira, tais dizeres de resistência aos discursos de apoio à população trans, mais especificamente ao caso de Bolina, passaram a ser veiculados em outros espaços, onde outros sentidos foram produzidos. Trata-se, por exemplo, de páginas que tem como tema a senhora de 73 anos que foi agredida pela transexual Verônica e também sobre o carcereiro que teve a orelha arrancada por Verônica. Trago para essas breves análises um dos exemplos dessas páginas.



SD2⁵ **Faca na Caveira**

“ Sou gay e não posso compactuar com isso #somostodosverônica. A travesti⁶ surrou uma senhora de 73 anos com pedaço de pau e mandou pro hospital mais quebrada de que piso de 3ª linha. Depois ela arranca a orelha do carcereiro [...]”
“Parabéns pelas palavras conscientes e inteligentes [...] Agradecemos o apoio de todos.”

No primeiro comentário, ao dizer “sou gay e não posso compactuar com isso”, o sujeito do discurso tem a ilusão, por fazer parte da classe LGBT, de estar autorizado a falar sobre o assunto e se põe contra a mobilização #SomostodosVerônica e a põe na posição de agressora e não comenta sobre as agressões que ela sofreu. A posição desse sujeito foi aclamada pelo(s) administrador(es) da página. Observamos, nessas discursividades, que pouco se fala sobre o carcereiro, sobre o porquê do “somos todos o carcereiro”. Porém, seu corpo, seu sangue e sua orelha arrancada são discursivizadas nas publicações, sempre reaparecendo para desautorizar os sentidos do ativismo LGBT. Nessa SD, é onde aparecem novamente os corpos e seus sentidos. Primeiro, o carcereiro sem um pedaço da orelha; no meio, a orelha arrancada; e, por último, verônica desfigurada. Essas imagens colocadas em um só plano dão a ideia de consequência, justificativa do que aconteceu com a transexual.

⁵ Imagem encontrada na página <https://www.facebook.com/pages/Somos-todos-o-carcereiro-que-teve-a-orelha-arrancada-por-Ver%C3%B4nica/1379566265705776?fref=ts> em 12/07/2015. Há também outra página que mostra outro tipo de ciberativismo, mas que funciona muito semelhante à da SD acima, encontrada na página <https://www.facebook.com/pages/Somos-todos-a-velhinha-que-foi-espancada-por-Ver%C3%B4nica/943450559021244?fref=ts>

⁶ Grande parte desses discursos fazem confusão entre “travesti” e “transexual” ou os usam como sinônimos. Porém, há uma diferença fulcral nessas nominalizações: Tanto a travesti como a transexual tem a experiência psíquica de se sentir mulher, de se identificar como tal, porém, só a transexual fez mudanças no corpo.

Nessas materialidades, observamos a presença de muitos silêncios, de histórias não ditas, fatos apagados. Pouco se fala sobre os sujeitos envolvidos nesses discursos e muito pouco sobre o que aconteceu após a diminuição da presença desses discursos na rede. Como temos dito, essas discursividades, ao migrarem do espaço empírico para o virtual, se historicizam, produzindo transferências de sentidos. Sentidos vão se deslocando de tal forma a gerar diversos ciberativismos a partir de um só fato social.

NA TENTATIVA DE UM FECHO

No trabalho de Orlandi (2004, p. 125), sua questão de pesquisa foi: “Como o corpo significa em um espaço simbólico que lhe é destinado?” Neste trabalho, questiono-me como o corpo vai se significando em um espaço que não lhe foi destinado no nascimento, uma vez que a identidade de gênero é constituída no decorrer do tempo e na relação com a alteridade. É sobre esse corpo como materialidade significativa, que foi também constituído com o tempo, e agredido, que se discursiviza. Mas também são outros corpos que acompanham esses discursos, o corpo idoso, o corpo com um pedaço arrancado. Foi assim que um só fato social do empírico tomou as redes sociais, gerando diversas filiações de sentidos.

Nesses ciberativismos que tomaram como ponto de partida o caso de Verônica Bolina, houve diversas formas de (des)identificação, além da tentativa de silenciar a luta do outro, produzindo alguns discursos da ordem do *non-sens*, que silenciavam, desviavam do foco proposto pela página, na qual as discursividades estavam inscritas. Tais silêncios foram produzidos, sobretudo, nos comentários, onde diversas discursividades entravam em conflito, sendo difícil distinguir o que era discurso da luta trans e discurso sobre a luta trans.

A partir dos ciberativismos, há uma possibilidade dos sujeitos assumirem uma posição de resistência aos sentidos dominantes e lutarem por um espaço de fala. Dessa maneira, através do espaço virtual, esses sujeitos (e sentidos), anteriormente interditados, lutam por seus direitos e por visibilidade, no embate entre transferências e transportes de sentidos.

REFERÊNCIAS

GARCIA, D. A.; SOUSA, L. M. A. e. Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço. In: *Conexão Letras*. Vol. 9, nº 11. Porto Alegre, 2014.

GRIGOLETTO, E. O discurso dos ambientes virtuais de aprendizagem: entre a interação e a interlocução. In: GRIGOLETTO, E; DE NARDI, F. S.; SCHONS, C.R. (Orgs.) *Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: Ed. da UFPE, 2011.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. *A discussão do sujeito no movimento do discurso*. Tese de Doutorado. Campinas, SP: 1998.

LÉVY, P. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

MARIANI, B. *O Comunismo Imaginário*. Práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). Tese de Doutorado. Campinas, SP: 1996.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª Ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni (org.) *Gestos de Leitura: da história no discurso*. 3ª ed., Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 2010.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3 ed. Tradução: Eni P. Orlandi et al. Campinas: Pontes, 2002.

_____. (1975) *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

_____. (1982). Delimitações, inversões, deslocamentos. Trad. brasileira de José Horta Nunes. *Cad. Est. Ling.*, nº 19, Campinas, jul./dez, 1990, p. 7 - 24.